

CENTRO DE REASSENTAMENTO DE MANDRUZI I

Viver na esperança e com desejo de ter trabalho

Notícias, Mulher, 17.12.2021, Pág. 02, Ed. n.º 31.284

EVELINA MUCHANGA

AVIDA no centro de acomodação de Mandruzi I não tem sido fácil para a maioria das famílias, sobretudo as chefiadas por mulheres, que, mesmo tendo força para trabalhar, não têm capital para desenvolver projectos de geração de renda.

Estas mulheres perderam as suas casas e recursos produtivos, os quais foram destruídos pelo ciclone Idai, que em Abril de 2019 afectou o país, com incidência na província de Sofala, concretamente a cidade da Beira e os distritos de Búzi, Nhamatanda e Chibabava.

Parte das vítimas desta intempérie foi colocada em centros de reassentamento, um dos quais é Mandruzi I, distrito de Dondo, onde vivem cerca de três mil pessoas, distribuídas em 520 famílias.

Volvidos mais de dois anos, as lembranças daquele fatídico dia permanecem na memória de muitos que procuram “esquecer” o passado e tentam encontrar formas de dar continuidade às suas vidas, mesmo



População clama por iniciativas de geração de renda

com dificuldades.

Hilário João Rabeca, conselheiro deste centro, conta que o bairro está a desenvolver. A população tem acesso à água potável, serviços de saúde, espaço para aulas da 1.ª a 3.ª clas-

ses e posto policial. Desde que se estabeleceram neste ponto recebem ajuda em alimentos e diversos artigos para a sobrevivência.

Contudo, entende ser já altura de potenciar as famílias

para desenvolverem projectos sustentáveis de geração de renda, sobretudo para mulheres solteiras e viúvas, por constituírem o grupo mais vulnerável e necessitado.

“Não temos espaço para

agricultura e meios para desenvolver projectos de geração de renda. Os poucos que têm machamba alugaram de nativos e pagam aos proprietários. As nossas crianças têm faltado à escola por não terem o que comer. Esse é o nosso maior problema actual. Precisamos de ajuda em trabalho”, sustentou Rabeca.

Ficámos a saber que a comunidade já está a organizar-se em associação, cujo foco é mesmo a criação de projectos de geração de renda na áreas de carpintaria, serralharia, corta e costura, mas faltam fundos para a materialização dos projectos.

“Precisamos de centros de formação profissional e escola para os nossos jovens. A vida das viúvas e mulheres solteiras é mais complicada ainda. Eu, como homem, ainda posso conseguir algo como biscate de sachar nas machambas, mas as mulheres sofrem. Uma associação pode ajudar muito para se ter uma transformação completa do bairro”, disse o conselheiro do centro.

Oportunidades negadas por estarem no reassentamento

MARIA Júlia é chefe de uma das famílias de Mandruzi 1 que, embora tenha concluído a II.ª

classe, não consegue trabalho, nem precário, ou espaço para fazer machamba para o sus-

tento dos filhos, incluindo algumas crianças órfãs cujos pais morreram por várias razões,

entre as quais o ciclone.

Explica que está difícil até para conseguir algum biscoito de lavar louça ou roupa em famílias nativas, porque há “fama” de que as mulheres do centro de reassentamento têm o hábito de se envolver com os patrões.

“Já passei por isso. Elas (patroas) dizem nas nossas caras que precisam de alguém para trabalhar, mas que nós (reassentadas) não somos confiáveis”, lamentou.

Reconheceu que aconteceram alguns casos, mas, afirmou, muitas se viram forçadas a ceder ao assédio dos patrões por temerem perder emprego.

“Há muita fome aqui. Algumas mulheres aceitam propostas indecentes em busca de sobrevivência”, disse Maria Júlia, mãe biológica de três crianças e que adoptou duas outras, órfãs de pai e mãe.

Enquanto se organiza, esta

mulher deixou a filha mais velha na cidade da Beira numa família onde trabalha e vai à escola (está a fazer a 12.ª classe) e o mais novo com o avó.

“Agradecia que nos ajudassem em projectos de geração de renda. Houve uma iniciativa para poupança, mas não deu certo porque não temos renda mensal”, disse Cacilda Valentim, residente do centro de reassentamento de Mandruzi 1, segundo quem a maioria das mulheres tem força e vontade para trabalhar, mas não encontra oportunidades de emprego.

Para o sustento da família, Cacilda depende de um pequeno espaço de terra concedido pelo pai para fazer machamba. Conta também com apoio dos irmãos na compra de carvão e lenha, assim como dos filhos, que a ajudam a trabalhar nas machambas de outras famílias em troca de algum valor monetário ou alimentos.



Aa mulheres são as que mais sofrem no centro

Atentos ao planeamento familiar

O CENTRO de reassentamento de Mandruzi 1 está a crescer em termos de infra-estruturas. A população viveu primeiro em tendas, passou depois para casas pau a pique e, actualmente, muitos já têm casas de alvenaria, construídas pelo Governo, com apoio de organizações nacionais e internacionais.

Este crescimento está a ser acompanhado por mudanças de percepção em relação à importância do planeamento familiar (PF), pois muitos casais e jovens confessam que antes pensavam que o procedimento visava impedir as pessoas de ter filhos.

O líder do bairro de Mandruzi, Henriques Paulo, conta que este tipo de entendimento foi

mudando com a sensibilização que tem sido feita pelos activistas da Saúde que de forma rotineira se deslocam a este centro para conversar com os casais sobre a importância de planificarem o nascimento dos filhos.

Marta Nhoca Domingos, enfermeira ao serviço da Associação Moçambicana para o Desenvolvimento da Família (AMODEFA), trabalha neste local desde a sua instalação, em 2019.

Conta que, no início, os serviços de saúde eram oferecidos debaixo de uma árvore e a sensibilização para sua adesão era feita de tenda a tenda porque, explica, apenas as mulheres é que aderiam ao PF. Os homens não queriam saber de qualquer

conversa sobre contracepção.

“Fazíamos perceber aos casais e jovens que, apesar de estarem em situação difícil, continuavam com a sua vida sexual activa e que era necessário evitar ter filhos não planeados. Felizmente, fomos percebidos e, actualmente, já não precisamos de ir às casas das pessoas. As mulheres, algumas acompanhadas pelos maridos, procuram os nossos serviços”, diz animada Marta Domingos.

A maioria das mulheres adultas prefere o método contraceptivo de longa duração, em particular o injectável, e os mais novos o preservativo.

“Já está a haver muita transformação. As mulheres esco-



Marta Nhoca Domingos: “Há mais pessoas que aceitam o planeamento familiar”

lhem o método contraceptivo que desejam e estão a ter filhos

com intervalos aceitáveis”, sublinhou.

Mais bombas de água

A MAIORIA da população chegou ao centro de Mandruzi 1 no dia 27 de Abril de 2019. O número de reassentados foi aumen-

tando e, actualmente, são cerca de três mil pessoas que vivem neste local, 123 das quais crianças órfãs (62 de pai, 29 de mãe e

24 de ambos pais). Residem ainda 61 pessoas com deficiência e 107 viúvas.

Para o chefe deste centro, muito está a ser feito para garantir uma vida condigna às pessoas aqui instaladas. Há um posto de saúde móvel, campo de futebol, rede de energia eléctrica e nove fontes de água.

Todavia, a população ressent-se da falta de bomba manual para água. “A água é do FIPAG e pedimos bombas manuais para facilitar a chegada do recursos a outros quarteirões”, disse.

A instalação de uma escola de raiz e um mercado são outras necessidades que, segundo a população, dinamizariam a vida

dos residentes deste centro.

“Queremos ver o local desenvolver-se. Temos o projecto de aviário onde trabalham 18 mulheres, mas não é suficiente para atender às necessidades da população, pois a maioria está desempregada e sem meios para iniciar actividades de geração de renda”, sustentou.

Mulher grávida, continue com as consultas pré-natais na unidade sanitária e pratique as medidas de prevenção da COVID-19 para proteger a si e a seu bebé.